

Sexta-Feira 21/01/2022

Foram 3 dias, perto das 14 e tal

Bolinhos de Papoila

Eram perto das 14 e tal quando abri O Meu Último Legado de Escrita. Vi coisas escritas que não gostei e decidi retirar e voltar a republicar no site da Jupiter Editions no filme-documentário com as parte ocultas. O Meu Último Legado de Escrita acaba com «Trazia-me sempre bolinhos de papoila da loja russa... Os melhores bolinhos... Em russo não sei se levavam leite de vaca ou não... Nunca me lembrei disso... Nunca perguntei ao D.K. Tenho de lhe perguntar se levam ou não leite de vaca para saber se posso voltar a comer esses bolinhos de papoila... Que saudades! Senão... Vamos só passear de mãos dadas a um campo de papoilas...»... O nosso namoro começou com os bolinhos de papoila... Foram um ingrediente do nosso namoro. A loja russa fica entre a Faculdade de Direito e a paragem onde eu apanhava o Expresso para voltar para a minha cidade. Também há uma lojinha russa na minha cidade. Mas as vezes que tentámos lá ir buscar os bolinhos de papoila, a loja estava fechada... Há muito tempo que os bolinhos de papoila não apareciam no nosso namoro. O D.K. acabou de aparecer com os bolinhos de papoila... Encontrou uma lojinha russa... Há uma lojinha russa aqui perto de nós com um dos ingredientes do nosso namoro, com uma das nossas guloseimas... Teve graça eu acabar de ler sobre os bolinhos de papoila e o D.K. aparecer com os bolinhos de papoila. Vimos os ingredientes em russo e em português os bolinhos não levam leite de vaca. [Disse-me também em segredo, num pequenino segredo maçónico nosso que encontrou um campo com papoilas para irmos passear depois de eu acabar o filme-documentário “Despacha lá isso, baby... Não queres namorar comigo?”... Tenho de escrever os pequeninos segredos maçónicos entre parenteses. O D.K. está vestido com o nosso avental a cozinhar, a fazer outra vez o Xerém, está de costas, oiço-o a cortar os pimentos [15h43], mas é como se ele tivesse ao meu colo a ler o que eu escrevo em tempo real; sei por isso que posso contar o segredo, desde que o deixe entre parenteses reto. Adoro o Xerém do D.K.!!! Acho que é o meu novo prato favorito!!!! Acho que devíamos abrir um restaurante... Mais uma lojinha... Quem me dera! Quem me dera servir às mesas no meu próprio restaurante e de vez em quando sentar-me a escrever com todos a verem sem ter de esconder a minha escrita. Quem me dera! Quem me dera! Quem me dera poder continuar a escrever, mas eu quero voltar para os braços do D.K. Eu quero é namorar.] 15h45
21/01/2022

Xerém, Açoteia e Alfarobas

Eram perto das 14h e tal quando interrompi o filme para ir tomar um café à Casa de Pasto Agrícola. Fiz o corta-mato pelo laranjal e depois pela plantação de abacates. Estavam os advogados do mar da Praia dos Bodyboarders que andaram no Colégio Militar sentados na esplanada. Queriam que eu rodasse nas mãos deles num secreto filme de ondas. Os advogados não estavam com os fatos e gravata. Estavam à paisana, com os fatos e com as pranchas de surf à espera de uma boleia para irem surfar, talvez, à Ilha de Faro. O cenário na

minha cabeça não fez sentido absolutamente nenhum! Porque é que estavam com as pranchas de surf numa Casa de Pasto à beira da estrada se o mar com ondas a sério ainda é longe? Vi um filme que cheirava a esturro. Vi que teria de fazer mais um dos meus teatrinhos... Mas o putto da Nova Casa de Pasto salvou-me. Chamou-me. Chamou-me em Código Delta. Disse que na roulotte da mãe dele havia café delta. Fui por isso tomar café à roulotte que é a Nova Casa de Pasto “por detrás” da Casa de Pasto Agrícola.

Aprendi a tirar cafés. A mãe ensinou o putto e eu vi como é que se fazia. Apareceram os pupilos do Exército que me tinham “escondido” o piaçaba. Vi como o pai dos pupilos era amigo da casa e como os pupilos eram amigos do putto. Na verdade, os pupilos não me “esconderam” o piaçaba... Eu é que tinha visto o filme ao contrário. Percebi o filme ao contrário. Fui depois, noutro dia, entregar o meu curriculum vitae à dona da roulotte, disse-lhe que tinha aprendido a tirar o café, quando ele ensinou o filho dela. Só que sem querer entreguei-lhe dois curriculums meus. Entreguei-lhe o curriculum que eu tinha feito para as limpezas. A dona ficou com a história do meu curriculum das limpezas. Não soube pela dona. Soube pelos pupilos. Foram os pupilos que disseram que sabiam que eu tinha posto a história do piaçaba no curriculum das limpezas. Foi o filho da dona que enviou o curriculum para os pupilos. Uma brincadeira maçónica de pupilos que eu tive de aguentar. Sou adulto. Não sou nenhuma criança. Os adultos têm de aguentar as brincadeiras das crianças. Mas isto foi tudo depois, isto foi tudo noutro dia.

Não falei do meu namorado logo no primeiro dia à dona da roulotte. Falei-lhe noutro dia, quando fui buscar a referência da açoteia. Não me lembrava da referência que a dona me tinha dado. Faltava-me a referência. Mas logo no primeiro dia, falámos sobre Porto Santo e sobre a Ilha dos Piratas. Os sogros dela lembravam-se de mim de Porto Santo. Lembravam-se que eu tinha sido salva-vidas em Porto Santo. Chegaram os amigos árabes. Lembrava-me deles de Porto Santo. Entraram e saíram do filme muito rápido como a professora de Direito Fiscal. A professora de Direito Fiscal apareceu em Porto Santo no dia em que eu pensei na professora de Direito Penal. Têm os mesmos nomes. Conte a história aos piratas. Os piratas de Porto Santo roubaram-me a história espiritual que era do meu espírito. Trancaram o meu espírito a 7 chaves. Mas eu destranquei-o. Um pirata deu-me as chaves, sem saber da história. Tive de contar-lhe a história. Pensei na professora de Direito Penal quando atravessava o resort de palmeiras que assaltou a praia onde eu era salva-vidas em Porto Santo. E quando chego à praia, aparece a professora de Direito Fiscal. Vi uma “ligação”. Vi verdadeiramente uma “ligação espiritual das coisas”. Lembro-me que a receber as notas de Direito Fiscal a professora disse-me para eu voltar a ser salva-vidas em Porto Santo para salvar do filme os filhos dela. A turma riu-se. E eu também me ri com ela. A dona da roulotte disse-me que o filho dela queria ir para o próximo ano para Porto Santo e perguntou-me se eu não queria ir outra vez para Porto Santo para salvar do filme o filho dela. **[Vi o filme da Jupiter Editions a concorrer ao concurso público da praia de Porto Santo e do barco Lobo-Marinheiro numa batalha naval com o grupo Sousa e com o grupo Pestana e a disparar para 6 porta-aviões dos grupos. Sem os porta-aviões, os grupos perderam a guerra e a Jupiter Editions ganhou o barco e a praia. Contratou o Jaime como salva-vidas. Levantou-se bandeira encarnada no Jogo Proibido das Marés Vivas e num teatro, 6 puttos “transformaram-se” em lobos marinhos da New Disney e mergulharam no Jogo Proibido das Marés Vivas. O Jaime largou a escrita d’O Algoritmo do Amor e lançou-se ao Jogo Proibido das Marés Vivas com a prancha de salvamento. O filho da professora de Direito Fiscal estava inconsciente. Quem o reanimou foi o Fred, o namorado médico do salva-vidas. A professora de Direito Fiscal não gostou da brincadeira espiritual e mandou o Direito Fiscal isentar os Direitos de Autor d’O Algoritmo do Amor.]**

A dona perguntou-me se eu já tinha comido xerém. Eu disse que já. Disse-lhe que quando estava como salva-vidas na Ilha dos Piratas no verão passado eu tinha ido a casa dos pais de um amigo em Faro comer xerém. A dona disse que a receita do xerém de Faro era diferente da Villa dos Piratas, disse-me que a receita do xerém com as conquilhas da Villa dos Piratas é que tinha sido um dos pratos candidatos às 7 Maravilhas da Gastronomia Portuguesa... Perguntou-me se eu me lembrava das açoteias da Villa dos Piratas e perguntou-me se eu subi a alguma. Disse-me que se eu tivesse subido viria de cima o labirinto que era a Villa dos Piratas. Disse que a ideia foi dos árabes. Eles sorriram.

O filho dela tinha uma foto minha vestido de salva-vidas na Ilha dos Piratas. Disse-me que tinham sido os pupilos que lhe tinham enviado a minha foto. Com os pais do pupilo à frente, tive de perguntar aos pupilos quem é que lhes tinha enviado a minha foto vestido de salva-vidas. Fiz a pergunta certa. Não foram eles que me fotografaram. Foram os amigos deles. Mostraram-me uma fotografia dos amigos. Reconheci. Sabia quem eram. Sabia quem eram os putos-fantasma. Quando estava na Ilha dos Piratas, era o Puto do Surf que carregava as pranchas de paddle e os coletes de salva-vidas que guardava na nossa casinha de salva-vidas. O Capitão tinha-me dito para eu não carregar, mas eu queria ajudar e uma vez carreguei, até perceber, que não podia mais carregar. Não me deixavam carregar. Mas no dia em que eu carreguei eu vesti os coletes de salva-vidas e aparecem uns putos da minha cidade com as câmaras do telefone apontarem-me. Perderam o jogo, porque eu estava vestido com os coletes de salva-vidas. Dispararam com a sua invisível pistola de realidade virtual aumentada, mas os coletes salva-vidas deram um efeito boomerang ao filme e eles perderam as vidas. Saíram muito chateados do filme, porque ninguém lhes tinha dito que eu ia vestir um colete de salva-vidas. A última vez que eu tinha visto estes putos tinha sido no hotel da minha cidade em que apareceram com as câmaras do telefone a apontarem-me e a dizerem “apanha-o, apanha-o, para ganharmos pontos, ele é um fantasma”. Vi depois da Ilha dos Piratas outra vez os putos no hotel num casamento que tive de registar nos *Illuminnatti Games*. [18h08]

Voltei para casa. O senhorio apareceu para vir buscar a TV. Lá fora tivemos a conversar. Falámos sobre o cultivo das alfarrobas. Falámos sobre a agricultura. O senhorio disse que quando plantava e não dava, paciência. Não usava químicos, não usava nada. Simplesmente plantava na Terra, se desse, dava, se não desse, paciência. Falámos sobre os morangos cultivados em hidroponia. O senhorio contou-me que quem pratica essa técnica recebe uma mensagem a dizer que os morangos vão disparar o preço no dia a seguir e eles de um dia para o outro ficam encarnados só através de um “enter”. Lembrei-me que ouvi falar sobre esses morangos em Alcochete. Conte-lhe que eu e o D.K. tínhamos ido à praia e que fomos comprar fruta a uma senhora que estava a vender com a bagageira do carro aberta no parque de estacionamento da praia. Lembrava-me que a senhora dizia-nos que era muito giro ver os morangos todos suspensos como se fosse “um teatro de marionetes”. Dei, por isso, essa referência ao senhorio.

O D.K. chegou a casa com um “truque de magia na manga”. Não me vendou, mas foi como se me tivesse vendado. Começou a cozinhar sem eu ver. Eu escrevia, enquanto ele cozinhasse. Quando me sentei à mesa, não quis acreditar: o jantar era xerém. Escrevi sobre o xerém noutras páginas. Fomos deitar-nos e o D.K. lembrou-se da história dos morangos que ouvimos em Alcochete da senhora a quem comprámos a fruta. Perguntou-me se eu me lembrava como é que os morangos eram cultivados... Eu respondi-lhe que eram cultivados num “teatro de marionetes”. Carregámos num “enter” e beijámo-nos. [18:18] 21/01/2022
Raul Catulo Morais © Todos os direitos reservados.

Disney or New Disney

Eram perto das 14 e tal quando cheguei à roulotte. Fui com a canção Someone Lava You nos ouvidos por ter visto “obrigado” o Lava da Disney com o D.K. antes de sair de casa. Foram só 9 minutos a chorar por dentro. No final, não aguentei, tive de chorar. Quando cheguei à roulotte, vi um frasco de salchichas de aves em cima do balcão. A dona perguntou-me se eu queria um cachorro quente ou se era só o cafezinho. Eu disse que era só o cafezinho. O puto perguntou-me se eu queria uma bifana ou um pão com chouriço. Disse-me que as bifanas e o chouriço eram de seitã. Foi ao lixo buscar as embalagens. Vi-o a tirar também dois pacotes de sumo de laranja de marcas diferentes. Ouvi-o a dizer que um dos sumos de laranja sabia a merda. A dona fez o papel de mãe e de patroa e despediu a brincar o filho. Disse que ele não podia dizer asneiras à frente dos clientes. O puto disse que eu não era um cliente. Era um novo amigo dele. A mãe disse que na roulotte os amigos eram clientes, porque senão iam à falência, porque na roulotte só se sentavam os amigos. Percebi que estava em família, uma vez mais; e percebi, também, que o puto tinha hackeado o meu documento do Jogo de Parcerias; percebi que tinha de publicar a história, que não valia a pena esconder o documento e não ficar, como sempre, num secretismo de coisas, sempre nas mesmas mãos maçónicas, sempre no mesmo teatro maçónico.

O puto pôs a música do Someone Lava You da Disney a tocar. Perguntou-me se eu conhecia a música. Foi por um triz. Disse que era o Someone Lava You. O puto disse que não era preciso eu dizer “someone”, podia só dizer “Lava You”. Fiz o que o puto me mandou e disse só “Lava You”. Depois mostrou-me o vídeo do Lava em pause no minuto 6 e perguntou-me se eu sabia que filme é que era. E eu disse que era a curta-metragem de 9 minutos do Lava. Ele disse para eu não dizer respostas tão compridas. Disse para eu simplificar as coisas. Chamou-me complicado, a rir-se. Eu ri-me. Perguntou-me se eu tinha chorado a ver o filme. Eu não lhe queria dizer que tinha chorado... Tive quase para lhe mentir, mas por detrás vi os adultos a fazerem-me “sinais”. Eu vi o vídeo com o meu namorado, em casa, na nossa privacidade, na nossa intimidade... A nossa TV não tem câmara nem microfone... O nosso comando também não tem nenhum microfone... Foi tudo muito rápido. Em milésimos de segundos vi o polvo da *Paranóide Tecnológica* de Federico Ferrari a hackear a nossa casa e a trazer-me espiritualmente a resposta. O “polvo” dentro do meu cérebro disse-me para eu dizer a verdade. E eu disse: “Sim, chorei”. E ele perguntou-me: “choraste com quem?”. Com o meu namorado. O puto partiu-se a rir e chamou-me mariquinhas. Perguntou-me qual dos vulcões é que eu era. Eu disse que era o vulcão pequenino... E o puto disse que o meu namorado era o vulcão da menina. Disse que o meu namorado era uma menina. Eu achei piada. Tive de me rir. Ri-me imenso e o puto riu-se também. Por detrás os adultos piscaram-me o olho. Senti-me num verdadeiro teatro de marionetes. Despedi-me do teatro, despedi-me de todos.

O puto veio a correr ter comigo. Veio sem o telefone. Meteu as mãos nos bolsos e tirou-os para fora para eu ver que ele não trazia nada com ele. Ouvi os adultos todos a chamarem-no a dizerem que o puto se tinha esquecido do telefone. Os adultos estavam mesmo zangados pelo puto ter saído sem o telefone. Perguntou-me se eu queria ser amigo dele. Eu perguntei-lhe como é que ele se chamava. Ele disse-me o nome dele, mas disse-me que na história ele queria chamar-se Tom. Perguntei-lhe que história é que ele estava a falar. E ele respondeu-me: “na história que estás a escrever... Eu vejo-te a escrever, Raul”. Vi uma “pequenina tecnologia” nos olhos do puto. Vi que o puto tinha os mesmos “olhos tecnológicos” do D.K. 11:34 22/01/2022 Raul Catulo Morais © Todos os Direitos Reservados Jupiter Editions ®